

# apareceu um homem morto

c o n t o  
de MÁRIO SEABRA NOVAIS

A aldeia hoje acordou em sobressalto.

Quando o Niel chegou à porta do pátio do senhor Jesuino, já um grupo discutia o acontecimento.

—Bom dia!

—A's ordens! responderam entre dentes os companheiros que discutiam acalorados.

—Aquilo foi algum gajo das Pias que o matou e o trouxe para cá, às costas, para botar as culpas à gente!

—E já não era o primeiro! Quando eu era rapaz, disse o velho Nabo, apareceu um morto naquele caminho e naquele sítio mesmo. Nunca se soube quem o matou. A família era pobre—a justiça não quis saber. Mas a gente cá do lugar sabia muito bem que tinha sido um gajo das Pias.

—Mas o que foi? perguntou o Niel que assistia de boca aberta ao desenrolar da conversa.

—Raios te partam, que nunca sabes nada! Atão não ouviste dizer que apareceu um homem morto, no caminho das Pias, ao pé da vinha do tio Zé do Forno, mesmo por baixo daquela oliveira que fica na berma?

—Não... e o cabo chefe já sabe?

—Eu vi-o ir para a vinha, há bocado. Se calhar não sabe mesmo.

—E quem é o homem? é cá do lugar?

—A modos que não, ninguém sabe porque não se lhe conhece a cara. Deram-lhe tanta porrada que tem a cara num bôlo.

—Coitadinho. Então foi para o roubarem!

—Hum! aquillo é mas é herança!

E a conversa continuou entusiasmada, até à chegada do patrão.

No trabalho não se falou outra coisa. E à hora da sesta ninguém descansou: Foi tudo de restolhada ver o morto. Juntou-se lá todo o povo. E os comentários fervilhavam. Já se sabia quem era o homem.

—Ele era herdeiro da tia Genoveva!

—Pois era. E os outros herdeiros então...

Surgiram nomes, insinuações. A' noite o cadáver já cheirava mal. As varejas comiam o sangue. Uma matéria amarela começava-lhe a purgar dum ouvido. «E as autoridades sem chegarem» comentavam já. Só vieram no dia seguinte pela tarde. Veio o regedor, o administrador e

mais dois senhores, mas não se demoraram. Mandaram deitar um pano por cima do cadáver e desapareceram imediatamente no automóvel que os trouxera.

E o morto continuava estirado na estrada sob a vigilância dos cabos para que ninguém lhe bolisse.

Eles ainda protestaram. Tinham de trabalhar no dia seguinte, e ninguém lhes pagava nada, por perderem a noite ao pé daquele fedor.

—E' a lei, responderam-lhes.

O doutor viria no dia seguinte fazer a autópsia ao meio dia, e a notícia correu veloz, pela aldeia. Todos queriam assistir, e sendo à hora do jantar melhor era—não teriam de perder nenhum quartel.

Ainda não eram onze e já o rapazio estava todo instalado em cima das oliveiras para ver como aquilo corria.

E ao meio dia, depois de terem dado o jantar aos maridos, começaram a chegar as mulheres, em grupos, discutindo a demora do doutor.—Que queres, êles levam mais tempo a comer do que a gente a fazê-lo. E tocam música, pra rebater. A gente come all umas batatas da panela, com formigas muitas vezes.

—Música? perguntou outra, mas quem é que toca?

—E' a traфонia. Teem dinheiro, teem saúde, teem tudo quanto querem. Eu ontem fui lá com o meu homem. Esperamos quasi meio dia que êle comesse. Nunca mais aparecia, e a traфонia a tocar, a tocar. Tava lá o marido da Oliva. Coitada, essa está pronta. Os sangues estão fracos. Deita bocados de bofe pela boca fóra.

—Eu tenho andado com uma rouquidão, que até tenho medo, mas ainda não pude ir ao doutor, tenho tido sempre trabalho.

—Nam vás, mulher! Toma um chá de pele de cobra que isso passa. Eu curei-me assim.

Vieram à balha tódas as doenças e doentes que conheciam.—A Geveva já tá melhor?—Tá tinha o alto da cabeça a puxar, e deitou à porta da loja uma coisa pela boca, que não sabe o que era. Esteve dois dias a água clara e agora já está melhorzinha.

Num grupo mais afastado Belmoço dizia graças às raparigas, de que só se ouvia os risos delas e uma palavra ou outra tresmalhada.

Os campos pareciam espan-

tados de tantos ruidos. Nunca tal se vira. E cada vez chegava mais gente. Estava tudo cheio. A vinha do ti Zé do Forno estava toda pisada e ele não quisera ir ver quando lhe disseram só para não se desgraçar.

O Niel subiu a um pinheiro para ver o povo.—Yh!, gritou. São mais que muitos! Inté veio gente do cú de Judas da Serra do Socorro!—disse vendo um seu conhecido lá dessas bandas. Até veio o rato da Beluntra!—anunciou numa gargalhada.

As horas passavam-se e a autópsia não começava. Os que não queriam perder a tarde começaram a retirar-se.

O doutor só chegou às duas horas, ao fim da sesta. Estava um calor dos diabos.

Mandou buscar uns caixotes e ali mesmo debaixo da oliveira se propoz esprostejar o cadáver.

Os cabos, por ordem do doutor, despiram o morto e puzeram-no em cima dos caixotes. O povo ia-se ajuntando e foi preciso fazer um cordão para que aquela gente tódá não se apertasse junto dos caixotes e deixasse trabalhar o doutor à vontade. As mulheres eram as mais curiosas. Não, que aquilo era um espectáculo a que elas nunca tinham assistido e as distrações na aldeia não são nenhuma.

—Hi! como êle está negro! Não vês o pescoço? Ainda se veem os sinais dos dedos. Aquilo é que foi apertar! Morreu logo, com certeza!

—Olha, olha a barriga! Foi pisado a pés juntos! Até se veem os sinais das brochas!

—Aquillo não foi só um que o matou! Coitado! Como é que a mulher se vai agora aguentar, com uma filharada daquelas! E o mais velho que ainda nem fez 14 anos!

Num outro grupo, a Maria Teodora já com dois grãos numa asa, dizia que aquilo não era obra só de homens...

—Ná! Ali também tinham andado mãos de mulher. Mas é que tinham mesmo!

—Credo, ti Maria, qual era a mulher que tinha coragem para uma coisa assim?

—Cala-te mulher! Atão tu não vês?... (e cochichou para as outras). Aquillo só mulher!

Os homens à roda riam. Diziam dichotes, e elas soltavam risadinhas abafadas.

O doutor ia começar o trabalho. Vestiu umas batas, calçou umas luvas e com uma grande faca tódá branca, par-

tiu-o pelo meio, abrindo-o para os lados como se fosse às portas dum armário. Mexeu lá por dentro e ia dizendo coisas a um dos ajudantes, que as escrevia num caderno. Depois cortou a barriga, e tirou as tripas para fóra. Viase tudo cheio duma gordura amarela que metia nojo.

—Eh, João! Como a gente somos lá por dentro! Tal e qual como um porco, mal acompanhado!

Duas mulheres tinham desmaiado quando viram o doutor sacar as tripas. Alguns homens foram-se embora—não podiam ver aquela coisa; mas a maioria ficou lá, a pé firme, até que o doutor mandou embrulhar tudo numa sarapilheira. Começaram a dispersar em grupos. Os homens aventavam hipóteses sobre as causas da morte, quem seriam os assassinos, qual o verdadeiro sítio do crime.

—Aquillo foi nas Pias, com certeza, e trouxeram-no para ali às costas.

—Ná... só se foram dois. E' muito pesado, e as Pias ficam longe. E pra mais de noite...

—E a gente aqui num falatório e ainda não fizemos nada.

—E que querias que a gente fizesse?

—A gente tem que ajudar!

—E' verdade, disse outro com calor, como que envergonhado de ainda se não ter lembrado. Temos que lhe apanhar a batata e tratar do resto da seára. Quem há-de ser?

—Então isso pergunta-se? E' quem calhar! E poz-se a contar à sua roda, apontando: um, dois, três, quatro, ... doze. E todos achando bem, nomearam logo ali um que dirigiria o trabalho e iria avisar a viúva.

As mulheres discutiam e os comentários continuavam.

—Eu nunca supuz que a gente fôsse assim por dentro! Tal e qual como um animal!

—Era um grande homem! Quem serla o ladrão que o matou?

A morte do homem foi o assunto obrigatório de tódas as conversas; mas a apanha da batata, que ameaça êste ano uma colheita desgraçada, começou a preocupar a aldeia, a pontos que, oito dias depois, já se não falava no crime, a não ser na loja porque o caixeiro nunca mais quis comer carne, desde que viu o homem retalhado, com as tripas à mostra e o peito aberto.